

Setor de saúde demanda por maior atenção na proteção de dados

» GUILHERME NUNES

Coordenador de Proteção de Dados da Fundação Instituto de Pesquisa e Estudo de Diagnóstico por Imagem (FIDI)

O mundo digital avança e a segurança da informação é fundamental, especialmente em setores sensíveis, como a área da saúde, em que os dados dos pacientes são confidenciais e requerem proteção robusta. De acordo com a pesquisa *The state of ransomware in healthcare 2023*, entre janeiro e março de 2023, a taxa de ataques de ransomware (software malicioso usado para sequestro de dados digitais e extorsão) diminuiu de 66% para 60%. Apesar da tendência de queda, é quase o dobro de 2021, quando 34% das organizações declararam ter sido invadidas.

Esses ataques provocaram impactos imensuráveis no sistema de saúde global na pandemia. No primeiro ano (2020), no Brasil, foram expostos cerca de 243 milhões de registros de pacientes, como número do CPF, nome, endereço e telefone. O total é maior que o número de habitantes do país (210 milhões), pois considera pessoas que já morreram. No fim do segundo ano da crise sanitária, um apagão foi detectado pelo Ministério da Saúde. Responsável por registrar e monitorar a vacinação no país, o órgão teve serviços fora do ar e impacto na emissão de documentos, como o Certificado Nacional de Vacinação Covid-19, que foi suspensa. No ano seguinte, um novo ataque, sem sucesso.

Infelizmente, um laudo que deveria ser importante somente ao profissional de saúde e paciente tem sido acessado sem autorização, o que torna a proteção da privacidade uma preocupação. O fato é que o setor de saúde lida com informações sensíveis de completamente todos os brasileiros, tanto na rede privada quanto na pública. Por exemplo, em 2022, foram realizados 2,1 bilhões de exames no Brasil, de acordo com a Associação Brasileira de Medicina Diagnóstica. É muita informação a ser resguardada!

A preocupação é constante, por exemplo, desde o agendamento de um serviço; passando pela execução, que envolve os profissionais de saúde e equipamentos especializados; chegando ao lançamento do resultado e os meios de acesso do paciente. Garantir que esses dados

estejam protegidos é o mínimo a se fazer. E os meios para ataque são diversificados: ainda segundo a pesquisa, o comprometimento de logins e senhas (32%) e as vulnerabilidades exploradas (29%) foram as consequências mais comuns dos ataques. Já o correio eletrônico (e-mails maliciosos ou phishing) foi o ponto de partida de mais de um terço dos ataques (36%) em organizações de saúde.

Então, quais são os preceitos que o ecossistema de segurança da informação na área da saúde deve assumir? O Brasil tem legislação diferenciada pela promulgação da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), que assegura, de forma clara, as regras para todas as empresas. E, aqui, destaco a importância de garantirmos o cumprimento de suas exigências, incluindo a implementação de medidas de segurança da informação. Porém, de acordo com a pesquisa TIC Saúde, menos da metade dos estabelecimentos de saúde adotou alguma das medidas investigadas pela pesquisa: 39% tinham política de segurança da

informação e, desses, 76% ofereceram curso sobre o tema para seus funcionários.

Investimentos são essenciais para proteção contra ameaças cada vez mais sofisticadas. Em 2023, 83% das empresas de saúde declararam que devem aumentar os investimentos. Na Fundação Instituto de Pesquisa e Estudo de Diagnóstico por Imagem (FIDI), o valor destinado para segurança representa em média 10% do orçamento de tecnologia da informação, mostrando o quanto esse item é essencial na gestão da entidade.

Além disso, empresas de saúde devem usar ferramenta fundamental: atendimento humano. O principal caminho é ter profissionais qualificados em segurança da informação, com contínua capacitação, para, ao mínimo sinal de ataque, estarem prontos à otimização de seus sistemas. Em outra frente, são importantes parcerias entre laboratórios e escritórios de advocacia especializados em direitos digitais e privacidade para que ajudem no cumprimento da legislação e representação nos casos de violação de dados.

Comunicação pública não pode ser refém da polarização

» PATRÍCIA MARINS

Gestora de crises de alto risco reputacional, sócia-fundadora da Oficina Consultoria, sócia do Grupo In Press, cofundadora do Women on Board e escritora

Abraham Lincoln fez um discurso ao Congresso americano em 1861, durante o turbulento início da Guerra Civil Americana, que ficou na história. Ele disse: “A confiança de uma nação não deve ser traída”. Lincoln usou a confiança como argumento central para reforçar a importância da união e do comprometimento mútuo em um momento de extrema divisão e incerteza. Ele sabia que, sem a convicção do povo em suas lideranças, seria impossível superar a crise e reconstruir a nação.

No mundo atual, em que a informação é disseminada de maneira rápida e desenfreada, a confiança e a transparência são mais relevantes do que nunca. A proliferação de informações e desinformações torna crucial a necessidade de verificação e precisão, ao mesmo tempo em que a velocidade com que elas circulam exige respostas imediatas e eficientes. A segmentação do público e a diversidade de plataformas demandam estratégias personalizadas e multifacetadas, capazes de engajar diferentes audiências de maneira eficaz.

Nesse contexto, o papel dos líderes é fundamental, pois eles devem promover uma comunicação clara e sólida, cultivando a confiança do público e respondendo às suas preocupações de forma aberta e responsável. Equilibrar clareza, concisão e relevância é uma tarefa constante para garantir que as mensagens sejam compreendidas e que a credibilidade seja mantida. Mas o que vemos hoje nas ruas, no Congresso Nacional e em timelines e perfis nas redes sociais é uma espiral crescente de antagonismos, extremamente prejudiciais ao respeito, à tolerância e aos direitos humanos.

O ambiente só faz crescer a necessidade de uma comunicação pública profissional, ética e inovadora. Um exercício incansável do diálogo consciente, um “sentar para conversar” com espírito e sentimento de empatia, uma busca pelo equilíbrio verdadeiro, a fim de identificar vínculos, educar e conscientizar até nos mais áridos desertos.

A comunicação é a ferramenta com potência capaz de conter os malefícios da polaridade tóxica e divisionista que estão visíveis nos espaços físicos e virtuais. É preciso ter habilidade para sair das bolhas e falar com aqueles que discordam de você. Devemos ter em mente, como ensina o renomado professor e pesquisador de comunicação Dominique Wolton, que “informar não equivale a comunicar”. Em outras palavras: faz-se necessário estabelecer uma comunicação efetiva por meio do diálogo, da escuta ativa, da empatia e da convivência mútua. Acusar um grupo de espalhar fake news ou manipular informações não vai pavimentar confiança.

A comunicação precisa estar a serviço da população, promovendo o Estado de Direito Democrático, o pluralismo ideológico, a garantia à informação tempestiva e clara e o fortalecimento da liberdade de expressão e de imprensa. O entendimento de políticas públicas e o acesso aos serviços públicos requerem boa e frequente comunicação.

Também é imperativo ampliar o ambiente de comunicação profissional, com o apoio de agências e profissionais especializados em elaboração e execução de planos de comunicação inovadores e contemporâneos, pautados pela clareza e agilidade.

Uma participação profissional que demanda uma competição ampliada e saudável, em conformidade com diretrizes transparentes, a fim de mitigar questionamentos sobre a integridade dos procedimentos licitatórios e dissolver quaisquer dúvidas quanto aos interesses da administração.

De fato, enfrentamos uma realidade global de extrema complexidade, em que a desinformação se disseminou pelo “perigoso ecossistema digital das plataformas”, como afirmou a ministra Cármen Lúcia ao assumir a Presidência do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

É essencial explorar plenamente o potencial da sociedade hiperconectada, assim como entender e enfrentar as contradições desse nosso mundo de pós-verdade, para dialogar em tempo real com os anseios e as preocupações da sociedade. Minimizar os desafios da comunicação pública contemporânea, rotulando-os como problemas derivados da polarização, é fazer o diálogo público ser refém de ideologias. Afinal, confiança não se impõe. Confiança se constrói.

Homenagem ao bom jornalismo

» SILVESTRE GORGULHO

Jornalista. Foi Secretário de Estado de Comunicação e de Cultura do Distrito Federal

*“Me dê flores em vida, o carinho e a mão amiga para aliviar os meus ais...”
(Nelson do Cavaquinho)*

Quando o final da tarde cai sobre Brasília, a redação do **Correio Braziliense** entra em transe. Fervilha até a meia-noite para o fechamento da edição do dia seguinte. Ao cair da noite, Ana Dubeux é a Estrela d’Alva da imprensa de Brasília. Na Alvorada, Ana Dubeux é a Estrela Matutina de Brasília.

Tal como a Estrela d’Alva ou a Estrela Matutina, Ana Dubeux é mais do que uma estrela: é planeta. É Vênus! É real. Desde 21 de abril de 1960, Brasília só amanhece quando o Sol ilumina a primeira página do **Correio Braziliense**.

Nos seus 41 anos de jornalismo, Ana Dubeux brilhou em muitas redações. Desde 1983, ela vem escrevendo sua biografia. Iluminou seus leitores pernambucanos no jornal *Diga, Olinda*, no *Tablóide Esportivo* e no centenário *Jornal do Commercio*, do Recife. Já em Brasília, desde 15 de dezembro de 1987, ela alumbrava os brasilienses trabalhando no *Correio do Brasil* e no *Jornal de Brasília*.

Sua primeira passagem pelo **Correio Braziliense** foi de dezembro de 1987 a 1990. Depois, a partir de dezembro de 1997, Ana Dubeux se tornou com exclusividade a Estrela d’Alva e a Estrela Matutina do maior e mais importante jornal do Distrito Federal. Por isso, o título de Cidadã Honorária de Brasília, que ela recebeu nesta quarta-feira, dia 19, da Câmara Legislativa do Distrito Federal, iniciativa da deputada Paula Belmonte, foi uma homenagem justa, oportuna e relevante.

Para o ex-presidente José Sarney, em mensagem especial enviada de São Luís do Maranhão, “Ana Dubeux é uma das maiores jornalistas do Brasil, com suas qualidades morais e intelectuais — inteligência,

cultura e isenção, correção e independência”. E acrescenta: “Dubeux é dona de um estilo notável, claro, brilhante e objetivo, o que lhe assegura o respeito e a admiração de que goza dos setores jornalísticos e intelectuais do país”.

Além de seus exemplos e de sua vida regrada por ações e atitudes de bem-querência, com os amigos, com a cidade, com a família e com seus leitores, aprendi muito com Ana Dubeux por suas crônicas, reportagens e Carta ao Leitor — espaço que ocupa nas edições domingueiras do jornal. Aprendi que:

— *Amizade real não acaba por bobagem, nem por distância, nem pela morte. Ela restaura o amor, a vida e a leveza.*

— *Dar valor a quem importa. Rever quem ama, olho no olho, aliviar a mente e dividir os apereios com um amigo é um conforto grande. O dia acaba mais leve, sem metade do peso e da angústia.*

— *Redação de jornal é um fazer constante e ininterrupto, que por vezes coloca o jornalista em modo de trabalho permanente. Automatizado. Mas a sala do jornalista é a rua.*

— *Vi gente grávida cair, gente simples chegar ao topo, vi amigos governarem, errarem e acertarem no poder. Hoje, preservo as imagens do caminho. Nada é tão grandioso que possa abater um voo digno, nem tão poderoso que seja capaz de colocar uma bela amizade, em jogo e em risco.*

— *Ao envelhecer, quem são as pessoas que te inspiram? No corre-corre de sempre, sabe o que te leva pela mão para ser saudável com o passar do tempo? Eu sei: o exemplo. Escolho pessoas com histórias, com humor, animadas pela arte, pela alegria de continuar pertencendo aos palcos que*

elegeram para brilhar nesta existência.

— *A honra nunca foi ou nunca deveria ter sido um privilégio masculino. Ainda assim, por décadas, as mulheres foram condenadas por supostamente ferir a honra de sujeitos que agriem e matam. Muitas delas condenadas à morte, sem direito à defesa.*

— *No Caminho de Compostela, aprendi a só levar o necessário. Aquilo que cabe na mochila. Entendemos, então, que precisamos de muito pouco para seguir em frente. Uma metáfora intrigante da vida, não é?”.*

Ainda sobre o Caminho de Compostela:

— *Deixar fantasmas e pesos desnecessários em algum lugar dessa travessia já me basta. Na maioria das vezes, não é preciso completar os sonhos. Só é preciso seguir na intenção de realizá-los, como aprendi com dona Wandinha, minha mãe, de quem herdei o gosto irreprimível por liberdade.*

— *Eu reaprendi a andar com amigos políticos e amigos chefes. Com os políticos descobri que uma eleição é como uma caminhada que testa seu corpo físico e mente, às vezes cansada. Exige fôlego, confiança e determinação — sobretudo, ética.*

A deputada Paula Belmonte, com seu acurado discernimento político e com sua sensibilidade feminina, foi muito feliz na iniciativa de conceder o título de Cidadã Honorária de Brasília à jornalista. Se Brasília já estava no coração de Ana Dubeux desde 15 de agosto de 1987, há 37 anos, a partir deste 19 de junho de 2024, Ana Dubeux passa a ocupar, oficialmente e integralmente, também o coração de Brasília.